Acervo ISA

Fundação
Veículo JB
Data 5/11/97 Pág. 9
Classificação 05

O homem e o ambiente global

JORGE WERTHEIN*

A questão fundamental da conservação do meio ambiente pode ser resumida da seguinte forma: como garantir, ao mesmo tempo, o bem-estar econômico e social do homem hoje e a sua sobrevivência amanhã? As culturas ocidentais se definiram historicamente em oposição às florestas. Sempre que crescia o "mundo humano", os limites da mata recuavam. Acreditava-se que os recursos da Natureza eram inesgotáveis e, se ficavam escassos, era só pela vontade ou por punição dos deuses.

Por incrível que pareça, só na década de 60 de nosso século tomou-se consciência de que os recursos são, de fato, limitados. Inúmeros fatores contribuíram para essa mudança cultural: Gagárin nos descreveu a Terra vista de cima, dando início à visão global do homem: houve a crise do petróleo, expondo a fragilidade e a dependência da economia dos recursos naturais; o biólogo inglês James Lovelock formulou o conceito de Gaia, mostrando que a atmosfera da Terra é quimicamente instável e sustentada pela atividade dos seres vivos etc.

Em 1968, a Unesco introduziu o conceito de biosfera: uma fina camada de terra, água e ar na superfície do planeta, sustentando a vida e todas as atividades humanas. O homem não pode ser mais visto como agente exterior e depredador de uma natureza estável e ideal. O homem é parte da biosfera, e todas as suas atividades fazem parte do processo da Vida na Terra.

Criou-se então, em 1971, o programa internacional "o Homem e a Biosfera" (*Man and Biosphere* – MAB), para estudar formas de conciliar desenvolvimento humano e meio ambiente. Em 1992, mais de 20 anos depois, a Eco 92 vulgarizou mundialmente a noção de desenvolvimento sustentável. O que aconteceu em 20 anos foi uma inversão completa de perspectiva: de guardião da natureza frágil e ameaçada, o homem assumiu a sua total dependência do meio ambiente para sobreviver; da preservação da natureza "selvagem", "virgem" e intocada, inspirada pelo mito do paraíso perdido, surgiu a noção mais prosaica de conservação da biodiversidade ou por motivos essencialmente utilitários, e antropocêntricos.

O debate teórico e filosófico está ainda em plena efervescência, no mundo e particularmente no Brasil. Ele implica a maneira como o homem se enxerga, na sociedade, em seu ambiente e frente à natureza. No entanto, o desafio da Agenda 21, elaborada na ECO 92, é bem mais concreto: como implementar o desenvolvimento sustentável? A experiência desses últimos anos mostrou que não existem soluções prontas: cada lugar, cada ecossistema, cada cultura têm de inventar o seu próprio caminho.

O MAB prevê a criação de reservas da biosfera nos principais ecossistemas do Mundo, para experimentar concretamente esses princípios: são locais onde se promovem, conjuntamente, conservação do meio ambiente, pesquisa, educação ambiental e desenvolvimento comunitário. Áreas protegidas são cercadas de zonas-tampão e de transição, onde se buscam, de forma participativa, alternativas de usos menos prejudiciais dos recursos naturais.

A Conferência Internacional de Sevilha sobre Reservas da Biosfera (03/95) redefiniu o papel das reservas (hoje mais de 329 em 83 países): 1 – criar oportunidades para as populações que vivem dentro ou perto delas de desenvolver relacionamento equilibrado com a Natureza; 2 – mostrar e demonstrar para a sociedade, como um todo, as vias de um futuro mais sustentável.

No Brasil, as reservas da bioesfera são recentes (1992 e 1993) e refletem as tendências atuais da questão ambiental. Envolvendo grandes contingentes populacionais, elas incluem zonas urbanas e peri-urbanas, junto com áreas de preservação ambiental, climática e hidrológica.

As reservas brasileiras da biosfera abrigam os principais mananciais de água de Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e Recife, entre outros, constituindo focos privilegiados da pesquisa, experimentação e planejamento interinstitucional, atendendo não só à conservação da biodiversidade, mas também às questões fundamentais da viabilidade sócio-ambiental e do futuro das grandes cidades, florestas e zonas costeiras em meio tropical.

A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica com uma área total de 30 milhões de hectares e 300 áreas protegidas espalhadas por 14 estados, é uma das maiores e mais desafiadoras da rede mundial. Seus objetivos são: proteção e recuperação dos remanescentes de Floresta Atlântica, defesa das suas populações tradicionais, pesquisa e uso sustentável da biodiversidade e sensibilização ambiental.

A reserva da Biosfera do Cinturão Verde da cidade de São Paulo centra-se nos remanescentes de Mata Atlântica da Região Metropolitana de São Paulo. Essas áreas, que vêm sofrendo intensa pressão de urbanização, são fundamentais para a estabilização climática, a limpeza atmosférica e o abastecimento em água da capital paulista. Seu objetivo principal é encontrar uma mediação entre o atual desenvolvimento urbano e a sua sustentabilidade social e ambiental da cidade.

A Reserva da Biosfera do Cerrado do Distrito Federal é composta das principais unidades de conservação no entorno de Brasília, ligadas por corredores ecológicos. Seu objetivo é estudar a viabilidade do altíssimo crescimento urbano atual do DF.

Em 1996, a Unesco assinou com o Brasil um termo de cooperação de três anos, para a consolidação das reservas de biosfera brasileiras. As atividades desenvolvidas em coordenação com o Ministério de Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal incluem a estruturação e difusão de informações técnico-científicas sobre Cerrado e Mata Atlântica e projetos demonstrativos do desenvolvimento sustentável.

A resposta à pergunta "como fazer o desenvolvimento sustentável?" está ainda por vir. As exigências locais estão no início. As reservas estão só se estruturando, abrindo espaços para amplos intercâmbios entre situações, governo, ONGs e meios acadêmicos, para a definição de linhas comuns de ação. As linguagens, os conceitos têm de se aproximar e se adaptar uns aos outros.

Com o MAB, a Unesco está na primeira fase da sua contribuição com as instituições brasileiras, para a implementação das recomendações da Agência 21.

* Jorge Werthein é representante da Unesco no Brasil e coordenou o programa Unesco/Mercosul